



troca e o “ser em comum” do humano

Patrícia Ceolin Nascimento **1**

Trocar, permutar, dar e receber, restituir; sugere-se nesta série aquele que se configura como o fundamento do fenômeno da troca: o princípio da reciprocidade, não só por implicar circulação, mas por prever aí a instauração de um outro, instância da partilha simbólica. Dessa forma, o que a troca faz circular não são “coisas”, mas “valores” atribuídos às coisas, uma vez que tal fenômeno só existe no meio social, conseqüentemente, vinculado a uma determinada ordenação simbólica. Esse é o ponto de partida do livro *L'échange*, de Philippe Fontaine, ainda não traduzido no Brasil.

O autor, professor de filosofia da Universidade de Rouen, e autor de obras como *La morale*, *La question du mal* e *La représentation*, entre outras, realiza em *L'échange* um percurso crítico pelos quatro modelos fundamentais da troca: o modelo econômico, o modelo antropológico, o modelo lingüístico e o modelo fenomenológico, para firmar, neste último, sua tese de que a troca representa, prioritariamente, o acontecimento de um encontro, um fato primeiro que se dá na dimensão do “ser-para-outrem”, pela qual o mundo significa.

Fontaine salienta o fato da troca se impor como mediação constitutiva do ser em comum do homem, extrapolando, assim, o âmbito econômico e mercantil, muitas vezes privilegiado nos estudos a esse respeito. Nessa perspectiva, há troca na transferência de bens ou serviços, mas também há troca de idéias, de sentimentos, de condutas sociais, de signos. A questão central parece ser, segundo o autor, a de buscar a lógica pela qual o sistema da troca é regido, lógica esta que pressupõe a existência de um determinado axioma de referência (uma ordem simbólica) para fixação dos valores trocados, de sua comensurabilidade: “o sentido da troca, então, qualquer que seja o domínio em que se exerce, não pode pretender ser incólume a essa determinação axiológica originária, e original.” (p.10)

O primeiro capítulo do livro “Le modele économique de l'échange” pode ser considerado o momento inicial dessa busca. Partindo das considerações platônicas acerca da implicação política da troca e da ênfase dada por Aristóteles na necessidade da instauração de um sistema de equivalência que permitisse a comparação entre os bens trocados, Fontaine considera a obra de Marx como decisiva em relação aos estudos sobre a troca, que é percebida, pela primeira vez, “como um problema em si mesmo”, capaz de suscitar questionamentos por sua própria prática, não só por seus resultados. Ao nomear a moeda como “equivalente

universal”, Marx propõe sua reflexão com base na definição de dois termos que se tornariam centrais em sua obra: valor de uso e valor de troca; o primeiro marcaria o universo heterogêneo dos bens, e é na passagem para o segundo que a sociedade estabelecerá a equivalência entre eles, por meio de uma regra quantitativa (o valor material das coisas se perde em favor de seu preço de mercado – quantificação abstrata). Para Fontaine: “o ponto decisivo da análise marxista da troca reside em colocar em evidência o fato de que as ‘relações entre as coisas’ acabam por dominar as ‘relações entre os homens’. É esta a verdade da troca no sistema capitalista, a que Marx se refere como ‘característica fetichista da mercadoria.’” (p. 25)

A segunda parte “Le modele anthropologique de l’échange; les données de l’ethnologie” é a mais longa do livro. Em 40 páginas, o autor discute a questão da troca sob o viés antropológico, tendo como referência os estudos de Marcel Mauss e Claude Lévi-Strauss. De acordo com Fontaine, ao estudar a cultura como “sistema de sistemas simbólicos”, a etnologia percebe a troca como “fenômeno social total”, uma vez que os diferentes sistemas simbólicos são todos fenômenos de troca, marcados pela circulação e pela reciprocidade dos objetos, responsáveis pela tessitura social: “não é exagerado afirmar, à luz das análises antropológicas, que a sociedade nada mais é que um imenso e complexo sistema de troca” (p.69). Para realizar esse trajeto antropológico sobre a troca, Fontaine faz um cuidadoso traçado de conceitos-chave desse campo: troca e cultura, dom e *potlatch*, troca como estrutura, proibição do incesto, endogamia e exogamia, mito, entre outros.

Na terceira parte do livro “Le modele linguistique de l’échange; l’échange comme discours et expression”, o autor marca seu trajeto a partir de uma investigação sobre a função simbólica, em Paul Ricoeur, para, em seguida, aprofundar-se na relação troca e linguagem/expressão gestual (ênfase no caráter interlocutório e recíproco do gesto), o que antecipa, de alguma forma, suas indagações presentes no próximo capítulo.

Em “De l’échange: du phénomène à l’être”, Fontaine explora a relação alteridade/troca com base na fenomenologia de Merleau-Ponty, tendo como princípio a idéia de que o “campo de experiência” do eu implica, necessariamente, os outros. Na raiz de qualquer compreensão possível sobre a troca estaria, segundo o autor, a necessidade de “abandonar a bifurcação sujeito e objeto e acabar com a oposição eu-outro” (p.111). Para Fontaine, o Outro constitui uma estrutura *a priori* para a existência e para a percepção do eu; “a relação da troca com o outro é propriamente constitutiva do meu ser-no-mundo” (p. 137), afirma o autor já em sua conclusão. Vale assinalar, assim, que o reconhecimento desse outro se produz tanto em sua identidade quanto em sua alteridade.

L’échange, desse modo, traz um interessante e rico olhar sobre a pluralidade desse fenômeno que não só ordena como constitui todo corpo social, uma vez que a troca é o próprio exercício do pensamento simbólico; é a partir dessa partilha que todo “encontro” se torna possível e único e que o mundo adquire significação, ainda que fugidia: “É sob a figura do encontro que a troca entre os homens manifesta seu poder de instituição da humanidade mesma do humano” (p.138). A “verdade” da troca está em seu aspecto relacional, assim como a “verdade” do objeto está em sua circulação; em outras palavras, a troca não está em nenhuma das partes que configuram esse acontecimento dialógico, está no “entre” um e outro, no trânsito contínuo das coisas no mundo.

Cabe ressaltar que tanto como vitrine quanto como atuador das relações sociais, o discurso midiático também se realiza em um processo de troca. Nesse caso, os encontros se dão sob as vestes das narrativas do cotidiano, que imprimem o caráter identificatório e, ao mesmo tempo, novo a esses acontecimentos. No palco midiático, a troca se estabelece de forma ruidosa: a palavra impera; o encontro

é dar sentido ao mundo vivido, diariamente, nessa trama imaginária que proclama a síntese, a completude, exatamente ali onde o dano se instala.

A leitura de *L'échange*, nessa perspectiva, abre caminho para outras abordagens de se pensar o fazer jornalístico, abordagens cada vez mais procuradas, cada vez mais latentes, nas bordas, nos restos, nas informações que ainda não se formaram, e tampouco se formataram. Se o que impulsiona a troca é a busca do encontro, o que faz com que determinada narrativa adquira “valor de troca” e se ilumine na tela midiática parece ser sua capacidade de encenar valores reincidentes no tecido social e os colocar em circulação, em uma busca constantemente renovada por uma unidade sempre impossível, mas que procura se oferecer em lampejos de visibilidade, em significações encontradas.

L'échange

Philippe Fontaine

Paris: Ellipses, 2002. 142 p.